

ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. Ed. São Paulo: Boitempo, 2008. 388 pág.

Messias Araujo Cardozo*

Publicado em 1845, o texto *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* do filósofo alemão Friedrich Engels que se encontrava na Inglaterra é uma análise profunda e minuciosa das condições miseráveis a que era objeto o proletariado inglês na primeira metade do século XIX. O livro conforme ressaltou Eric Hobsbawm¹ é “simultaneamente erudito e apaixonado, articulando a denúncia e a análise, ele é, para dizê-lo numa só palavra, uma obra prima”. Mas que uma análise sobre as condições dos trabalhadores fabris, tanto dentro como fora do ambiente fabril, à obra lança uma perspectiva de superação revolucionária desta realidade miserável do proletariado.

Dividida em 11 capítulos, o texto é uma narração histórica e jornalística sobre o impacto do capitalismo, sobretudo do sistema fabril, sobre os trabalhadores ingleses, o jovem filósofo oferece uma análise primorosa sobre as misérias operárias: o trabalho infantil, o exíguo salário (quando não o pagamento em espécie), o trabalho feminino além das péssimas condições de moradia, saúde e alimentação.

O autor não queria ter uma visão “abstrata”, ou meramente “livresca” do seu objeto, “[...], eu queria ser uma testemunha de vossas lutas contra o poder social e político de vossos opressores” (ENGELS, 2008, p. 37). Para tanto, além da observação *in loco*, o autor se utilizou de vários periódicos, folhetins e outros textos para buscar demonstrar a real condição dos trabalhadores, sobretudo os da região de Manchester.

Para o autor a classe operária é umbilicalmente formada com a Revolução Industrial, existiria uma equação: fábrica = classe operária certo mecanicismo e economicismo neste ponto. Sobre isto acredito que a contribuição de Edward Palmer Thompson com seus estudos sobre a classe operária inglesa efetuados na década de 1960 indicam uma tese oposta à preposição engelsiana, sendo que para ele classe é um fenômeno cultural e econômico² (ambos não podem ser dissociados).

A obra sustenta a tese de que o capitalismo engendrou uma estrutura social de “guerra social”. E esta aberrante situação, não se encontrava escamoteada, mais aberta, sendo que “[...] ficamos assombrados diante das consequências das nossas condições sociais, aqui apresentadas sem véus, e permanecemos espantados com o fato de este mundo enlouquecido ainda continuar funcionando” (ENGELS, 2008, p. 69).

* Graduando do oitavo período do curso de Licenciatura Plena em História da UESPI (Campus Alexandre Alves de Oliveira), bolsista do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID, Subprojeto de História). E-mail: messias.histsocial@gmail.com

¹ “Cf. o prefácio reproduzido em F. Engels, *La situation de la classe laborieuse en Angleterre* (Paris, Éditions Sociales, 1961), p. 8”, Citado em Op.cit, 2008, p. 9.

² “Os operários, longe de serem os ‘filhos primogênitos da revolução industrial’, tiveram nascimento tardio [...]. O fazer-se da classe operária é um fato tanto da história política e cultural quanto da econômica” (THOMPSON, 1987, p. 16-17).

A introdução e o capítulo 1 têm como ideia principal mostrar o impacto da revolução industrial, da concentração da grande indústria. O capítulo dois oferece um estudo privilegiado para o tema da urbanização e sua interface com o processo de industrialização. No capítulo três o proletariado é aludido ao escravo, no quarto capítulo a imigração constante (sobretudo dos irlandeses) é o grande material do exército de reserva que necessita o sistema capitalista.

O capítulo cinco denuncia o *assassinato social* que acontece na sociedade inglesa da época, o autor enfatiza: “Mas isso não é tudo. É verdadeiramente revoltante o modo como a sociedade moderna trata a imensa massa dos pobres” (ENGELS, 2008, p. 137). As péssimas roupas, os alimentos indigestos, o amontoamento de seres humanos em espaços insalubres, pequenos onde todos os tipos de doenças e violências se propagam, são os resultados sociais do “progresso” da introdução do capitalismo em sua forma selvagem na Inglaterra.

Um aspecto importante na minha visão, a que a obra alude e que ainda se encontra (tanto entre os trabalhadores urbanos como rurais sem distinção de ramo de ofício) presente na cultura e no lazer dos trabalhadores é o uso exacerbado do álcool, uma das misérias que o industrialismo maximizou entre os trabalhadores. Pois “todas as ilusões e tentações se juntam para induzir os trabalhadores ao alcoolismo. A aguardente é para eles a única fonte de prazer e tudo concorre para que a tenham a mão” (ENGELS, 2008, p. 142).

Os trabalhadores da época eram empurrados para uma condição de desespero, de alienação tamanha, que o álcool e outros entorpecentes eram a única espécie de consolo. Objetos de uma rotatividade incrível (oscilando quase que diariamente da condição empregado/desempregado), morando em péssimas condições, com jornadas de trabalho diárias que iam até às 16 horas (por vezes mais) o trabalhador “[...] tem a urgente necessidade de distrair-se; precisa de *qualquer coisa* que faça seu trabalho valer a pena, que torne suportável a perspectiva do amargo dia seguinte” (ENGELS, 2008, p. 142).

A disseminação endêmica do consumo do álcool que é decididamente um ingrediente determinante da desagregação familiar seria produto direto neste caso, do capitalismo, para Engels “[...] aqui, a responsabilidade cabe aos que fizeram do trabalhador um simples objeto” (ENGELS, 2008, p. 143). As condições sub-humanas onde o proletariado inglês se encontrava foram narradas com maestria, podendo-se creditar a obra o título de uma história social da Inglaterra (a primeira com a utilização da concepção materialista dialética).

Além da maestria, a obra é imbuída de uma retórica finalista, certo *catastrofismo* para empregar uma ideia de José Paulo Netto³, o autor projeta uma revolução que seria iminente, pois a classe operária, o proletariado em geral iria iniciar uma revolução quando da próxima crise do sistema capitalista. A escrita deste texto é surpreendente se levarmos em conta o lugar de produção⁴ do autor e da obra, pois Engels era de situação social privilegiada de família que possuía grandes posses, porém seu contato com as ideias socialistas dos franceses e alemães logo o fizeram se desvencilhar da ideologia burguesa e se indignar contra a situação social dos trabalhadores ingleses da época.

³ Ver: idem, 2008, p. 34.

⁴ Ver: “A operação historiográfica”, In: CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Ed. Rio de Janeiro: Fomense Universitária, 1982.

O principal mérito desta obra na minha perspectiva é seu grau de abrangência, seu leque de temas e a coesão interna do texto. Apesar de o fio condutor ser uma concepção dialética, uma perspectiva de movimento (revolucionário) da sociedade, Engels situa o leitor no âmago da condição proletária, lá onde ela se encontra estática, parada na miséria. Nos mostra a alimentação mais que precária (indigesta e inexistente às vezes), os aluguéis que concorriam com a subsistência, os abusos sofridos pelas mulheres nas fábricas, a repetição mecânica, sisífica do ato laboral cotidiano, enfim, um relato da crueldade e da perversidade que o capital insaciável⁵ impôs na Inglaterra.

Acredito ser uma obra de referência, desde que situada em seu tempo e em sua lógica argumentativa e posição ideológica. Existe na obra a ideia de um sentido histórico, que a sociedade capitalista seria uma transição para algo que a ultrapassaria, onde o depois seria revestido de positividade (a superação do capitalismo através da revolução).⁶

Na minha visão, por causa da condição miserável e deplorável que os trabalhadores analisados se encontravam, o autor lhes dotou de uma essência revolucionária, projetando várias profecias que ele mesmo disse em prefácio a uma edição posterior da obra: “Não me passou pela cabeça tirar do texto as várias profecias – especialmente aquela sobre uma iminente revolução social na Inglaterra – devidas ao meu entusiasmo revolucionário daqueles anos” (ENGELS, 2008, p. 351).

A mutação e as várias metamorfoses do sistema capitalista são um dado notável, que se não inválida ao menos redimensiona a análise da opressão e da dominação social. Em artigo⁷ célebre, Foucault nos indica que “nem a relação de dominação é mais uma ‘relação’, nem o lugar onde ela se exerce é um lugar” (FOUCAULT, 1979, p. 25). Os estudos de Edward Thompson já citado, de Eric Hobsbawm são importantes para enfatizar a natureza plural, não apenas e essencialmente econômica da classe operária, de suas lutas e cotidiano.

A leitura da obra traz espanto, indignação e uma compreensão sem “véus” (como o autor mesmo se refere à obra) da extrema brutalidade da condição proletária dos primeiros tempos do capitalismo inglês. Serve de ponto referencial quando não incontornável para as pesquisas sobre mundos do trabalho, operariado e condição dos trabalhadores urbanos. Apesar do *catastrofismo* e das previsões revolucionárias, a obra enuncia a escancara as formas do capital se apropriar do trabalho, exaurindo o trabalhador e empurrando de forma cruel milhões de indivíduos a existências sem as condições mínimas e necessárias para a vida.

A “questão social”, o estado de guerra de “todos contra todos” ainda persiste. Subsiste de outras formas, se inscreve sob novos disfarces, de forma não análoga na natureza da aplicação, mais “suavizada” pelas legislações trabalhistas e pelos apelos e combates do setor sindical.

⁵ Ver: MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política: Livro I, O processo de produção do Capital**. 31ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2013.

⁶ Esta ideia de um “sentido histórico” foi bastante criticada posteriormente à publicação do texto de Engels por vários pensadores de variadas escolas de pensamento, como Walter Benjamim, Friedrich Nietzsche e Michel Foucault, este último chegou a escrever que “a história não tem ‘sentido’, o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente” (FOUCAULT, 1979, p. 5).

⁷ FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, a genealogia e a história*. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

Todavia, uma condição do trabalho sob a égide capitalista denunciada na obra ainda persiste: a expropriação dos produtos e a exploração do trabalho alheio por uma classe de parasitas, ainda constitui a relação patrão/empregado na atualidade. Se tomarmos como base a elencação dos três tipos de tiranos proposta no século XVI⁸, pode-se dizer que a dessemelhança dos três (ou quantos forem seus tipos) se complementa pelo fio condutor que os une hoje: o fato de subsistirem através da exploração do proletariado.

Haveria espaço a uma reapropriação da obra para uma análise da condição do trabalhador no Brasil hoje? Sem dúvida que sim, tomadas às ponderações citadas, o fio condutor e a tese central (a exploração do trabalho) são uma realidade, fato escamoteado, disfarçado. A questão social (leia-se movimentos dos trabalhadores) no Brasil apesar de sua mutação de *caso de polícia* para *caso de política* não mudou o caráter de repressão⁹ e a natureza da exploração proletária na contemporaneidade no nosso país, o que Engels insinuou em 1845, o que mostrou em seu texto, ainda guarda similitudes incríveis nos dias de hoje.

⁸ Refiro-me ao texto *Discurso sobre a servidão voluntária*, escrito em 1548 por Étienne De La Boétie. Sobre a passagem aludida ver: LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso sobre a servidão voluntária**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2003, p. 33.

⁹ Ver: MATTOS, Marcelo Badaró. **Greve, sindicatos e repressão policial no Rio de Janeiro (1954-1964)**. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 24, nº 47, 2004.